

sicut nullum bonum, ita nulla natura relinqueretur, non solum qualem inducunt Manichaei, ubi tanta bona inveniuntur, ut nimia eorum caecitas mira sit, sed qualem potest quilibet inducere.

18. Neque enim uel illa materies, quam hylen antiqui dixerunt, malum dicenda est. non eam dico, quam Manichaeus hylen appellat dementissima uanitate nesciens, quid loquatur, formatricem corporum — unde recte illi dictum est, quod alterum deum inducat; nemo enim formare et creare corpora nisi deus potest, neque enim creantur, nisi cum eis modus et species et ordo subsistit, quae bona esse nec esse posse nisi a deo, puto quia iam etiam ipsi confitentur — sed hylen dico quandam penitus informem et sine qualitate materiem, unde istae quas sentimus qualitates formantur, ut antiqui dixerunt. hinc enim et *silua υλη* graece dicitur, quod operantibus apta sit, non ut aliquid ipsa faciat, sed unde aliquid fiat. nec ista ergo hyle malum dicenda est, quae non per aliquam speciem sentiri, sed per omnimodam speciei priuationem cogitari uix potest. habet enim et ipsa capacitatem formarum; nam si capere impositam ab artifice formam non posset, nec materies utique diceretur. porro si bonum aliquod est forma, unde quia ea praeualent, formosi appellantur, sicut a specie speciosi, procul dubio bonum aliquid est etiam capacitas formae; sicut quia bonum est sapientia, nemo dubitat, quod bonum sit capacem esse sapientiae. et quia omne bonum a deo, neminem oportet dubitare etiam istam, si qua est, materiem non esse nisi a deo.

³⁵ Como se vê pelo texto, o nada (contra os maniqueus?) não será portanto uma segunda força (vd. § 25).

³⁶ «silva», no original; até aqui «matéria» foi «materies». Pelo ínfimo grau da «hylé» na escala dos seres, este § é de uma grande importância. Em primeiro lugar contra os maniqueus, como facilmente se vê pelas palavras do autor (E. ZUM BRUNN, *Le dilemme...*, p. 27), mas depois, por nos permitir a aproximação à noção de «matéria» em Agostinho. Tecnicamente 'informe' (trata-se de uma concessão ao Gn. 1, 2) ela aproxima-se do nada (vd. *De vera relig.* 35; *De Ord.* II, 16, 14); «formável» porém (*Conf.* XIII, 3; *De Genesi ad litt.* V, 16) ela não é o nada absoluto. Interpretando «matéria» como um princípio metafísico (correlativo da «forma») evita-se qualquer prioridade temporal («simul concreatum») daquilo de que algo é feito sobre aquilo que é feito (vd. *De Genesis. ad litt.* I, 29; *Conf.* III, 12 e XII, 6). Sobre o emprego do vocábulo «hylen», vd. J. Pépin, *Theologie Cosmique et Théologie Chrétienne*, Paris, 1964, p. 250 ag. A tradução latina do *Timeu*, por Calclíio, dá «Silva» como sinónimo de *hylen*: «Post enim chaos, quam Graeci hylen, nos silvam vocamus...» (cf. *Timaeus a Calcidio translatus*, Londres 1962, pp. 167, l.6-7; G. Fraile, *Historia de la Filosofia I*, Madrid, 1982,

nir a ponto de desaparecer, não havendo então nenhum bem, também não se conservará nenhuma natureza ³⁵, não só segundo a maneira de pensar dos maniqueus, que descobrem uma enorme quantidade de bens apesar da sua excessiva e espantosa cegueira, mas como o pode sequer pensar qualquer pessoa.

18. [Sobre a *hylé*: a sua positividade é a sua capacidade]

Nem sequer aquela matéria a que os antigos davam o nome de «*hylé*» deve ser considerada um mal.

Não me refiro àquela a que Manés, por tola vaidade e ignorando do que fala, chama «*hylé*» ou formadora dos corpos — pelo que, justamente se diz que ele introduz um outro deus, visto que ninguém senão Deus pode formar e criar corpos. De facto, nenhum corpo pode ser criado a não ser quando subsiste nele o modo, a espécie e a ordem, que por serem bens, não podem existir senão por Deus. Creio que já os próprios maniqueus admitem isto.

Mas eu chamo «*hylé*» a uma certa matéria totalmente informe e sem qualidade, onde as qualidades sensíveis se formam, como disseram os antigos. Daqui o chamar-se, em grego, ὕλη, o substrato material ³⁶ pronto para ser trabalhado, não como alguma coisa que se faz, mas como a de que alguma coisa se faz. Ora, nem esta «*hylé*» se deve considerar um mal por não poder ser tomada por qualquer espécie, mas antes como uma privação de toda a espécie.

Em si ela própria tem capacidade de formas, pois se não pudesse tomar a forma imposta pelo artista não se chamaria matéria ³⁷. Além disso, se a forma é algo bom, pois por ela sobressaem as coisas que se dizem formosas ³⁸, tal como em virtude da espécie, o que é especioso, não tenho dúvidas de que a capacidade da forma seja algo bom.

Porque assim como a sabedoria é um bem ninguém duvida que um ser capaz de sabedoria seja bom.

E porque todo o bem vem de Deus, ninguém pode também duvidar de que esta matéria, seja ela como for, não existe senão por Deus.

p. 788 e P. Duhem, *Le Système du Monde II*, Paris, 1954, pp. 432 e sg.). A revitalização da cosmologia, no século XII, está ligada à problemática técnica timeica da *hýlen*; assim, na *Cosmografia* de Bernardo Silvestre, «silva» personificará afortunadamente a matéria primordial.

³⁷ De novo «*materies*» no original.

³⁸ No original «forma» e «*formosus*» (vd. *De lib. arb.* II, 16, 44 e a nota do tradutor dessa ed. portuguesa, justificando a sua opção).

sum de lancea quis negat? sed etiam ipsa, quae proprie ab omnibus corruptio corporis dicitur, id est ipsa putredo, si adhuc habet aliquid, quod alte consumat, bonum minuendo crescit corruptio. quod si penitus absumpserit, sicut nullum bonum, ita nulla natura remanebit, quia iam corruptio quod corrumpat non erit. et ideo ipsa putredo erit, quia ubi sit omnino non erit.

21. Ideo quippe et parua atque exigua iam communi loquendi usu modica dicuntur, quia modus in eis aliquis restitit, sine quo iam non modica, sed omnino nulla sunt. illa autem, quae propter nimium progressum dicuntur immodica, ipsa nimietate culpantur; sed tamen etiam ipsa sub deo, quia omnia in mensura et numero et pondere disposuit, necesse est, ut modo aliquo cohibeantur.

22. Deus autem nec modum habere dicendus est, ne finis eius dici putetur. nec ideo tamen immoderatus est, a quo modus omnibus rebus tribuitur, ut aliquo modo esse possint. nec rursum moderatum oportet dici deum, tamquam ab aliquo modum acceperit, si autem dicamus eum summum modum, forte aliquid dicimus, si tamen in eo, quod dicimus summum modum, intellegamus summum bonum. omnis enim modus, in quantum modus est, bonus est: unde omnia moderata, modesta, modificata dici sine laude non possunt, quamquam sub alio intellectu modum pro fine ponamus et nullum modum dicamus, ubi nullus est finis: quod aliquando cum laude dicitur, sicut dictum est: et regni eius non erit finis. posset enim dici etiam "non erit modus", ut modus pro fine dictus intellegeretur; nam qui nullo modo regnat, non utique regnat.

23. Malus ergo modus uel mala species uel malus ordo aut ideo dicuntur, quia minora sunt quam esse debuerunt aut quia non his rebus accomodantur, quibus accommodand sunt: ut ideo dicantur mala, quia sint

⁴⁵ Sl. 16 (15), 10.

⁴⁶ Sab. 11, 20. Diversamente da «ordem», característica racional dotada de fortes motivos anagógicos (*De Ord.* I, 9, 27), «modo» caracteriza aqui, como no § 22, mediante a relação com os vários adjectivos empregues (*immodicus, moderatus, modestus, modificatus*), aquilo que é inerente a cada ser («medida») na sua ordem específica (vd. no entanto, *De Musica* I, 2, 2-3 e III, 4). Atende-se nas dificuldades da atribuição de tal característica à divindade.

⁴⁷ Lc. 1.33.

Mas quem nega que ele tenha sido ferido pelos cravos pregados e traspassado pela lança?

Mesmo aquilo a que os homens chamam, com propriedade, corrupção do corpo ou seja, a putrefacção, se ainda tem alguma coisa para profundamente destruir, só aumenta pela diminuição do que é bom. Se ela absorvesse tudo completamente, nenhuma natureza permaneceria nem mesmo a própria corrupção, por nada existir para corromper, e o mesmo se passando com a putrefacção por não ter onde se dar.

21. [O excessivo tem uma ordem]

Se as coisas pequenas e exíguas se chamam, em linguagem vulgar, módicas, é porque nelas subsiste um certo modo, sem o qual já não seriam módicas, mas pura e simplesmente não seriam.

Ao invés, aquelas que, por causa de um desenvolvimento excessivo, se dizem imódicas, essas são acusadas de excesso. Mas é forçoso que também estas estejam compreendidas num certo modo «sob Deus, que tudo dispôs com medida, número e peso» ⁴⁶.

22. [Deus é o Supremo Modo, sem fim]

Mas de Deus não se pode dizer que tem um modo, para que se não julgue que se diz que tem um fim. Contudo, não é sem modo aquele por quem o modo é atribuído a todas as coisas para que possam ser segundo um certo modo. Depois, não se deve dizer que Deus seja moderado, como se tivesse recebido o modo de alguém.

Mas se lhe chamarmos Supremo Modo, talvez digamos alguma coisa, se por Supremo Modo entendermos o Supremo Bem. Na verdade, todo o modo, enquanto modo, é um bem.

Daqui resulta não podermos falar sem louvor das coisas moderadas, modestas e modeladas ainda que, num outro sentido, confundamos modo com fim e digamos que não há modo quando não houver fim. Isto diz-se, algumas vezes, com louvor, como no que foi dito: «E o seu reinado não terá fim» ⁴⁷. Na verdade também poder-se-ia dizer «não terá modo», desde que se entendesse o modo como fim. Porque quem reina sem qualquer modo, não reina de maneira nenhuma.

23. [O Mal na ordem natural e a sua relatividade]

Portanto, um mau modo, ou uma má espécie ou uma má ordem dizem-se assim, ou por serem menores do que deveriam ser ou por não se acomodarem às coisas a que deveriam ajustar-se. Desta maneira,

aliena et incongrua, tamquam si dicatur aliquis non bono modo egisse, quia minus egit quam debuit, aut quod ita egit, sicut in re tali non debuit, uel amplius quam oportebat uel non conuenienter: ut hoc ipsum, quod reprehenditur malo modo actum, non ob aliud iuste reprehendatur, nisi quia non est ibi seruatus modus. item species mala uel in comparatione dicitur formosioris atque pulchrioris, quod ista sit minor species, illa maior, non mole, sed decore, aut quia non congruit huic rei, cui adhibita est, ut aliena et inconueniens uideatur: tamquam si nudus homo in foro deambulet, quod non offendit, si in balneo uideatur. similiter et ordo tunc malus dicitur, cum minus ipse ordo seruatur: unde non ibi ordo, sed potius inordinatio mala est, cum aut minus ordinatum est quam debuit, aut non sicut debuit. tamen ubi aliquis modus, aliqua species, aliquis ordo est, aliquod bonum et aliqua natura est; ubi autem nullus modus, nulla species, nullus ordo est, nullum bonum, nulla natura est.

24. Haec, quae nostra fides habet et utcumque ratio uestigauit, diuinarum scripturarum testimoniis munienda sunt, ut qui ea minore intellectu adsequi non possunt, diuinae auctoritati credant et ob hoc intelligere mereantur; qui autem intellegunt, sed ecclesiasticis litteris minus instructi sunt, magis ea nos ex nostro intellectu proferre quam in illis libris esse non arbitrentur. itaque deum esse incommutabilem sic scriptum est in psalmis: mutabis ea. et mutabuntur; tu autem idem ipse es; et in libro sapientiae de ipsa sapientia: in se ipsa manens innouat omnia. unde et apostolus Paulus: inuisibili incorruptibili soli deo et apostolus iacobus:

⁴⁸ No original, «ordo/inordinatio».

⁴⁹ *Contra Sec.* 16, 19.

⁵⁰ *Sl.* 102 (101), 27-28.

⁵¹ *Sab.* 7, 27.

⁵² *ITim.* 1, 17.

dizem-se más porque são estranhas e inconvenientes; como se se dissesse que alguém não tinha agido com um bom modo, ou por ter agido menos do que devia, ou por ter agido mais do que era necessário, ou de maneira mais conveniente numa coisa em que não devia. Assim, mesmo aquilo que é censurado, o acto praticado com mau modo, não será censurado com justiça senão porque aí se não conservou o modo.

Também uma espécie se diz má quando comparamos uma mais formosa com uma mais bela porque esta é uma espécie inferior em relação àquela, que lhe é superior, não em volume, mas em beleza; ou então, porque se não adequa à coisa a que se liga de forma a parecer estranha e inconveniente. Assim aconteceria com o homem que se passeasse nu em pleno foro, coisa que já não choca se acontecer na sala de banhos.

Semelhantemente, diz-se que uma ordem é má quando é inferior ao que deveria ser.

Daqui se conclui que o que é mal não é a ordem, mas antes a desordem ⁴⁸, a qual ou tem menos ordem do que devia ou não a tem como devia ⁴⁹.

Contudo, onde existir um certo modo, uma certa espécie ou uma certa ordem existem igualmente um certo bem e uma certa natureza. Onde nenhum modo, nenhuma espécie e nenhuma ordem existirem, nenhum bem e nenhuma natureza existirão também.

[III Exposição pelo testemunho das Escrituras]

24. [Deus Criador e o Seu Filho são imutáveis]

Estas coisas que a nossa fé sustenta e que a razão perseguiu de certa forma, devem ser fortificadas pelo testemunho das divinas Escrituras, de modo a que quem não as puder atingir, em virtude de uma inferior inteligência, creia na autoridade divina e assim as mereça compreender. Quanto àqueles que compreendem, mas são menos instruídos nas letras eclesiásticas, não pensem que nós as elocubramos pela nossa inteligência em vez de as termos lido naqueles livros.

Assim, a respeito da imutabilidade de Deus, está escrito nos *Salmos*: «Tu modificarás as coisas e elas serão modificadas; tu porém, permanecerás sempre o mesmo» ⁵⁰. E, no livro da *Sabedoria*, diz-se a respeito desta: «permanecendo em si mesma, renova todas as coisas» ⁵¹. E o Apóstolo Paulo: «ao Deus único invisível e incorruptível» ⁵², e o Apóstolo

omne datum optimum et omne donum perfectum desursum est descendens a patre luminum, apud quem non est, commutatio nec momenti obumbratio. item quia id, quod de se genuit. hoc, quod ipse est, ita ab ipso filio breuiter dicitur: ego et pater unum sumus. quia non est autem factus filius, quippe cum per illum facta sint omnia, sic scriptum est: in principio erat uerbum et uerbum erat apud deum et deus erat uerbum; hoc erat in principio apud deum. omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil, id non est factum sine ipso aliquid.

25. Neque enim audienda sunt deliramenta hominum, qui nihil hoc loco aliquid intellegendum putant et ad huiusmodi uanitatem propterea putant cogi posse aliquem. quia ipsum nihil in fine sententiae positum est. ergo, inquit, factum est et ideo, quia factum est, ipsum nihil aliquid est; sensum enim perdiderunt studio contradicendi nec intellegunt nihil interesse, utrum dicatur 'sine illo factum est nihil', an 'sine illo nihil factum est' quia etsi illo ordine diceretur "sine illo nihil factum est", possent nihilominus dicere ipsum nihil aliquid esse, quia factum est. quod enim reuera est aliquid, quid interest, utrum ita dicatur, 'sine illo facta est domus' an 'sine illo domus est facta', dum intellegatur aliquid sine illo factum, quod aliquid domus est? ita quia dictum est: sine illo factum est nihil, quoniam nihil utique non est aliquid, quando uere et proprie dicitur, siue dicatur, "sine illo factum est nihil" siue "sine illo nihil factum est" uel "nihil est factum" nihil interest. quis autem uelit loqui cum hominibus, qui hoc ipsum, quod dixi 'nihil interest'. possunt dicere: ergo interest aliquid, quia ipsum nihil aliquid est? hi autem, qui sanum habent cerebrum, rem manifestissiman uident hoc idem intellegi, cum dixi, 'nihil interest,' quod intellegeretur si dicerem 'interest nihil' at isti si alicui dicant: quid fecisti? et ille respondeat nihil se fecisse, consequens est, ut ei calumnientur dicentes: ficisti ergo aliquid, quia nihil fecisti; ipsum enim nihil aliquid est. habent autem et ipsum dominum in fine sententiae ponentem hoc uerbum, ubi ait: et in occulto locutus sum nihil. ergo legant et taceant.

⁵³ *Tiag.* 1, 17.

⁵⁴ *Jo.* 10, 30.

⁵⁵ *Jo.* 1.1 seg.

⁵⁶ *Jo* 19, 20.

Tiago: «toda a dádiva excelente e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação»⁵³.

E porque o que se gera de Deus é o mesmo que Deus, o Filho disse simplesmente: «Eu e o Pai somos um»⁵⁴. Porque o Filho não foi feito como o foram todas as outras coisas escreveu-se: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e Deus era o Verbo, este estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele e sem ele nada se fez»⁵⁵, isto é, nenhuma coisa foi feita sem ele.

25 [Contra a interpretação substancial do nada em um passo da Escritura]

Não se devem ouvir os contra-sensos dos homens, que julgam que, neste passo, «nada» pode ser tomado no sentido de «qualquer coisa» e, na sua vaidade, supõem poder convencer alguém com o argumento de que o «nada» está colocado no fim da frase. Por isso — dizem eles — foi feito e, porque foi feito, o nada é qualquer coisa.

Pelo gosto de contradizer, perderam o discernimento e não compreendem que não há qualquer diferença entre dizer: «sem ele fez-se nada» e «sem ele nada se fez», já que, mesmo usando esta segunda ordem: «sem ele nada se fez», poderiam entretanto dizer que «nada» é alguma coisa, visto que foi feito. Realmente, mesmo quando se trata de alguma coisa, que diferença há entre dizer: «sem ele fez-se a casa» e «sem ele a casa fez-se», desde que se compreenda que qualquer coisa se fez sem ele e que essa qualquer coisa é uma casa?

Assim, porque se disse: «sem ele fez-se nada», dado que «nada» não é, quando dito com verdadeira propriedade, coisa nenhuma, não importa dizer: «sem ele fez-se nada» ou «sem ele nada se fez» ou até «nada fez-se».

Quem pretende realmente falar com homens que sobre o que eu disse nada importar replicam que então importa alguma coisa, pois que o próprio nada é alguma coisa?

Aqueles que tiverem um espírito são vêem com toda a clareza que se deve entender o mesmo quando eu digo «nada importa», ou quando digo «importa nada». Ora, se se pergunta a alguém o que tem feito e ela responde nada ter feito, é evidente que erram os que lhe disserem: «porque fizeste o nada então fizeste qualquer coisa; é que o nada é alguma coisa».

Eles sustentam que foi o próprio Senhor que pôs a palavra «nada» no fim da frase, quando disse: «e em segredo disse nada»⁵⁶.

Mas eles que leiam e se cale!

26. Quia ergo deus omnia, quae non de se genuit, sed per uerbum suum fecit, non de his rebus, quae iam erant, sed de his, quae omnino non erant, hoc est de nihilo fecit, ita dicit apostolus: qui uocat ea, quae non sunt, tamquam sunt. apertius autem in libro Machabaeorum scriptum est: oro te, fili, respice ad caelum et terram et omnia, quae in eis sunt; uide et scito, quia non erant, ex quibus fecit nos dominus deus et illud, quod in psalmo scriptum est: ipse dixit, et facta sunt, manifestum, quod non de se ista genuerit, sed in uerbo atque imperio fecerit; quod autem non de se, utique de nihilo. non enim erat aliud, unde faceret. de quo apertissime apostolus dicit: quoniam ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia.

27. “Ex ipso” autem non hoc significat quod “de ipso”. quod enim de ipso est, potest dici “ex ipso”; non autem omne, quod “ex ipso”, est, recte dicitur “de ipso”; ex ipso enim caelum et terra, quia ipse fecit ea, non autem de ipso, quia non de substantia sua. sicut aliquis homo si gignat filium et facit domum, ex ipso filius, ex ipso domus, sed filius de ipso, domus de terra et de ligno. sed hoc quia homo est, qui non potest aliquid etiam de nihilo facere; deus autem, ex quo omnia, per quem omnia,

⁵⁷ A partir do que se pode ler no § 24, verifica-se agora que o Verbo de Deus é o princípio de unidade e de ser de toda a criatura (vd. *De Trin.* IV, 3). Depois do exposto em nota ao § 3, os seres, antes da sua realização material, são, eternamente, na ciência do Verbo, forma eterna que, impressa na multiplicidade, faz do uniforme (vd. § 18) uma natureza concreta. A natureza criada é assim perspectivada segundo as leis do exemplarismo metafísico onde só se é, verdadeiramente, na medida da «proximidade» ao ou da «semelhança» com o modelo.

⁵⁸ *Rom.* 4, 17.

⁵⁹ *2Mac.* 7, 28.

⁶⁰ *Sl.* 1485.

⁶¹ «verbum» no orig.; vd. *Conf.* XL, 7.

⁶² *Rom* 11, 36.

⁶³ «Ex ipso autem non hoc significat, quod de ipso (no orig.; o subl. é nosso). Em outro lugar, Agostinho escreve (*Contra Felic.* II, 17): «Digo que não é só a alma, mas também o nosso corpo e toda a criatura corpórea e espiritual que provém de Deus (*ex Deo*). (...). Mas uma coisa é o que Deus gerou de si (*de se*), e que é o que ele mesmo é (*quod hoc est quod ipse*) e outra o que Deus fez (*quod fecit Deus*). O que Deus gerou é igual ao Pai; o que Deus fez não é de condição igual à do criador». («Ex deo» traduz o acto da criação: provir, «ser de»; «de deo» traduz a «substancialidade» divina: o Filho é igual ao Pai, a alma é criada por Deus (*ibid.* II, 21). Para além da clareza sobre as duas substâncias, referir-se-á a presença das discussões trinitárias coevas, nomeadamente em torno da relação Pai/Filho. No *De origine animae* (II, 5) escreverá: «Toda a natureza ou é Deus, que não teve autor, ou é de Deus, porque o tem como autor. Mas entre as naturezas que têm em Deus a origem

26 [Contra a actividade demiúrgica: a criação, pela palavra, a partir do nada]

Porque Deus fez, não de coisas que já existiam, mas sim daquilo que em absoluto não existia ou seja, do nada, as coisas que não gerou de si, mas que fez pelo seu Verbo ⁵⁷, conforme diz o Apóstolo: «Ele chama as coisas que não existem, como se existissem»⁵⁸.

Mais claramente ainda está escrito no livro dos *Macabeus*: «Suplico-te, filho, contempla o céu e a terra e todas as coisas que neles existem. Vê e reconhece que o Senhor Deus, porque não existiam, não nos fez delas» ⁵⁹. É isso o que está escrito no Salmo: «Ele disse e foram feitas» ⁶⁰. É evidente que Deus não as gerou de si, mas fê-lo por uma palavra ⁶¹ e uma ordem.

Mas se não foi de si foi do nada, porque não havia coisa nenhuma de onde o pudesse fazer. O Apóstolo di-lo claramente: «Porque é dele, nele e por ele que todas as coisas provêm» ⁶².

27 [A criação a partir do nada distingue duas substâncias]

«Provir dele» não significa o mesmo que «existir nele» ⁶³. Realmente o que existe nele, pode dizer-se que «provém dele», mas nem tudo o que «provém dele» se diz com propriedade que «existe nele».

Por exemplo, provém dele o céu e a terra, porque os criou, não existem nele, porque não são da sua própria substância.

À semelhança do homem que gera um filho e faz uma casa, quer o filho quer a casa provém dele, mas o filho é da sua própria substância enquanto a casa é de terra e de madeira. Mas isto é assim porque se trata de um homem, o qual não pode fazer coisa nenhuma a partir do nada.

do ser, umas são criadas enquanto outras não o são. Aquelas que, sem serem criadas, existem nele, ou existem por geração ou por processão; por geração, o seu Filho único; por processão, o Espírito Santo; e esta Trindade tem uma só e única natureza... Mas a natureza criada, chama-se criatura». Em virtude da importância desta problemática da teologia trinitária para o pensamento antropológico, poder-se-á recordar as seguintes datas:

381: Concílio de Constantinopla que dá uma nova versão da fórmula trinitária do Conc. de Niceia (325): Cristo é «gerado, não criado, consubstancial ao Pai, Deus de Deus».

431: Conc. de Éfeso que permitirá a cisão nestoriana (em Cristo há duas Hipóstases).

451: Conc. de Calcedónia definindo a doutrina das duas naturezas em Cristo) vd. a propósito, S. ALVAREZ TURIENZO, «El Cristianismo y la formación del concepto de persona» in *Homenaje a Xavier Zubiri*, T. I. Madrid, (1970). A este propósito será sempre de leitura imprescindível o *De Trinitate*, texto básico para as reflexões europeias teológicas e antropológicas.

in quo omnia, non opus habebat aliqua materia, quam ipse non fecerat, adiuuari omnipotentiam suam.

28. Cum autem audimus “omnia ex ipso et per ipsum et in ipso”, omnes utique naturas intellegere debemus, quae naturaliter sunt. neque enim ex ipso sunt peccata, quae naturam non seruant, sed uitiant. quae peccata ex voluntate esse peccantium multis modis sancta scriptura testatur, praecipue illo, quod dicit apostolus: existimas autem hoc, o homo, qui iudicas eos, qui talia agunt, et facis ea, quoniam tu effugies iudicium dei? an diuitias benignitatis et patientiae eius et longanimitatis contemnis, ignorans, quoniam patientia dei ad paenitentiam te adducit? secundum duritiam autem cordis tui et cor inpaenitens thesaurizas tibi iram in diem irae et reuelationis iusti iudicii dei, qui reddet unicuique secundum opera sua.

29. Nec tamen, cum in deo sint uniuersa, quae condidit, inquinant eum, qui peccant, de cuius sapientia dicitur: adtingit autem omnia propter suam munditiam, et nihil inquinatum in eam incurrit. oportet enim, ut sicut deum incorruptibilem et incommutabilem, ita consequenter etiam incoinquinabilem credamus.

30. Quia uero et minima bona, hoc est terrena atque mortalia ipse fecit, illo apostoli loco sine dubitatione intellegitur, ubi loquens de membris carnis nostrae “quia si glorificatur unum membrum, congaudent omnia membra; et si patitur unum membrum, conpatiuntur omnia membra” etiam hoc ibi ait: deus posuit membra, singulum quodque eorum in corpore prout uoluit et: deus temperauit corpus ei, cui deerat, maiorem honorem dans, ut non essent scissurae in corpore, sed idem ipsum ut pro inuicem

⁶⁴ *De duabus animabus* XI, 15; *Contra Sec.* 8, 11 e 17.

⁶⁵ *De duab. an.* X, 14; *Contra Fortunatum* 20-21.

⁶⁶ *Rom.* 2, 3-6.

⁶⁷ *Sab.* 7, 24-25.

⁶⁸ «Incoinquinabilem», no orig. Até este passo Agostinho usara «incorruptibilis». A nossa tradução justifica-se em virtude do uso, no mesmo §, de «inquinare» e «inquinatum».

⁶⁹ *1 Cor.* 12, 26.

⁷⁰ *1 Cor.* 12, 18.

⁷¹ *1 Cor.* 12, 24.

Porém Deus, de quem tudo provém, por quem tudo é e em quem todas as coisas são, não tinha necessidade, como coadjuvante da sua onnipotência, de qualquer matéria que ele próprio não tivesse feito.

28 [Acto voluntário, o pecado, corrompe a natureza criada]

Quando ouvimos dizer: «todas as coisas provêm dele, existem por ele e nele», devemos entender, com certeza, todas as naturezas que existem pela natureza. Na realidade, os pecados não provêm dele, porque não conservam a natureza, mas a corrompem ⁶⁴.

Que os pecados têm origem na vontade dos pecadores ⁶⁵, prova-o a Sagrada Escritura de muitas maneiras e principalmente no passo em que o Apóstolo diz: «Achas tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, mas as fazes também, que escapas ao juízo de Deus? Acaso desprezas as riquezas da sua benignidade, paciência e longanimidade, ignorando que a paciência de Deus te leva à penitência? Mas segundo a dureza do teu coração e da sua impaciência entesouras para ti a ira, no dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, o qual recompensará cada um conforme as suas obras» ⁶⁶.

29 [Porque Deus é imutável e incorruptível, não pode pecar]

Apesar de existirem em Deus todas as coisas que ele criou, os que pecam não mancham aquele de cuja sabedoria se diz: «Ela alcança todas as coisas, por causa da sua pureza e nada do que é impuro a atinge» ⁶⁷.

É realmente necessário que, assim como acreditamos que Deus é incorruptível e imutável, acreditemos, em consequência, na sua imaculada incorruptibilidade ⁶⁸.

30 [Toda a criatura mesmo a corpórea é boa]

Que fez mesmo os bens mais pequenos, quer dizer, os terrenos e os mortais, compreende-se com clareza na passagem em que o Apóstolo, falando dos membros da nossa carne, diz: «se um membro é honrado, congratulam-se todos os membros; e se um membro sofre, todos os membros se compadecem» ⁶⁹. E no mesmo passo diz ainda: «Deus dispôs os membros do corpo, cada um conforme entendeu» ⁷⁰. E: «Deus ordenou o corpo, dando maior honra ao que dela carecia, para que nele não houvesse fissuras, mas a mesma solicitude de uns para com os outros» ⁷¹.

sollicita sint membra. hoc autem, quod sic in modo et specie et ordine membrorum carnis laudat apostolus, in omnium animalium carne inuenis, et maximorum et minimorum, cum omnis caro in bonis terrenis ac per hoc minimis deputetur.

31. Item quia cuique culpa qualis et quanta poena debeatur, diuini iudicii est, non humani, sic scriptum est: o altitudo diuitiarum sapientiae et scientiae dei! quam inscrutabilia sunt iudicia eius et inuestigabiles viae eius! item quia bonitate dei donantur peccata conuersis, hoc ipsum quod Christus missus est, satis ostendit, qui non in sua natura qua deus est, sed in nostra, quam de femina adsumpsit, pro nobis mortuus est: quam dei bonitatem circa nos et dilectionem sic praedicat apostolus: commendant, inquit, suam caritatem deus in nobis, quoniam cum adhuc peccatores essemus. Christus pro nobis mortuus est; multo magis iustificati nunc in sanguine ipsius salui erimus ab ira per ipsum. si enim, cum inimici essemus, reconciliati sumus deo per mortem filii eius, multo magis reconciliati salui erimus in uita ipsius. quia uero etiam cum peccatoribus poena debita redditur, non est iniquitas apud deum, sic dicit: quid dicemus? numquid iniquus deus, qui infert iram? uno autem loco et bonitatem et seueritatem ab illo esse breuiter admonuit dicens: uides ergo bonitatem et seueritatem dei: in eos quidem, qui ceciderunt, seueritatem, in te autem bonitatem, si permanseris in bonitate.

32. Item quia etiam nocentium potestas non est nisi a deo, sic scriptum est loquente sapientia: per me reges regnant et tyranni per me tenent terram. dicit et apostolus: non est enim potestas nisi a deo. digne autem fieri in libro iob scriptum est. qui regnare facit, inquit, hominem hypocritam propter peruersitatem populi. et de populo Israhel dicit deus: dedi eis regem in ira mea. iniustum enim non est, ut improbis accipienti-

⁷² Rom. 11, 33.

⁷³ Vd. a nossa nota ao §27.

⁷⁴ Rom. 5, 8-10.

⁷⁵ Rom. 3, 5.

⁷⁶ Rom. 11, 22.

⁷⁷ Prov. 8, 15.

⁷⁸ Rom. 13, 1.

⁷⁹ Job 34, 30; a versão da Vulgata é no entanto esta: «... evitando que o ímpio venha a reinar a fim de que não seja uma armadilha para o povo».

⁸⁰ Os. 13, 11.

Isto mesmo que o Apóstolo louva no modo, na espécie e na ordem dos membros do corpo, encontra-se no corpo de todos os animais, tanto nos maiores como nos mais pequenos. Como toda a carne se conta entre os bens terrenos ela é considerada como qualquer coisa de inferior.

31 [A bondade de Deus revelada pela pena e pelo perdão redentor]

Porque pertence ao juízo divino e não ao humano determinar a qualidade e a quantidade da pena, que deve ser atribuída a cada culpa, assim está escrito: «Oh profundidade das riquezas, da sabedoria e da ciência de Deus, como são insondáveis os seus juízos e impenetráveis os seus caminhos!»⁷².

Que pela bondade de Deus todos os pecados são perdoados aos que se convertem, prova-se suficientemente pelo facto de Cristo nos ter sido enviado. Ele morreu, por nós, não na sua natureza, que é de Deus, mas na nossa, que tomou de uma mulher⁷³. A respeito dessa bondade e do amor de Deus para connosco, assim prega o Apóstolo: «Deus mostrou a sua caridade para connosco uma vez que Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. Agora, que fomos justificados pelo seu sangue, com muito mais razão seremos por ele salvos da ira de Deus. Realmente, se quando éramos seus inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais seremos agora ainda salvos pela sua vida»⁷⁴.

E porque também não há iniquidade em Deus quando inflige aos pecadores o castigo devido, diz o Apóstolo: «Que diremos nós? Acaso será Deus iníquo ao manifestar a sua ira?»⁷⁵.

E em outro passo adverte rapidamente que são de Deus a bondade e a severidade, dizendo: «Vê, pois, a bondade e a severidade de Deus para os que caírem, mas bondade para contigo, se permaneceres na bondade»⁷⁶.

32 [Há uma ordem divina no poder de fazer o mal]

E porque também o poder de fazer o mal não vem senão de Deus, está escrito em elogio da Sabedoria: «Por mim reinam os reis e por mim os tiranos possuem a terra»⁷⁷. E o Apóstolo diz: «O poder não vem senão de Deus»⁷⁸. E que isto é feito com justiça, está escrito no livro de Job: «Faz reinar — diz ele — o homem hipócrita, por causa da perversidade do povo»⁷⁹. E, acerca do povo de Israel, diz Deus: «Dei-lhes um rei na minha ira»⁸⁰.

bus nocendi potestatem bonorum patientia probetur et malorum iniquitas puniatur. nam per potestatem diabolo datam et Iob probatus est, ut iustus adpareret, et Petrus temptatus, ne de se praesumeret, et Paulus colaphizatus, ne se extolleret, et Iudas damnatus, ut se suspenderet. cum ergo per potestatem, quam diabolo dedit, omnia iuste ipse deus fecerit, non tamen pro his iuste factis, sed pro iniqua nocendi uoluntate, quae ipsius diaboli fuit, ei reddetur in fine supplicium, cum dicetur impiis, qui eius nequitiae consentire perseuerauerint: ite in ignem aeternum, quem parauit pater meus diabolo et angelius eius.

33. Quia uero et ipsi mali angeli non a deo mali sunt conditi, sed peccando facti sunt mali, sic Petrus in epistula sua dicit: si enim deus angelis peccantibus non pepercit, sed carceribus caliginis inferi trudens tradidit in iudicio puniendos seruari. hinc Petrus ostendit adhuc eis ultimi iudicii poenam deberi, de qua dominus dicit: ite in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis eius. quamuis iam poenaliter hunc inferum, hoc est inferiorem caliginosum aerem tamquam carcerem acceperint, qui tamen quoniam et caelum dicitur, non illud caelum, in quo sunt sidera, sed hoc inferius, cuius caligine nubila conglobantur, et ubi aues uolitant — nam et caelum nubilum dicitur et uolatilia caeli appellantur — secundum hoc apostolus Paulus eosdem iniquos angelos, contra quos nobis inuidos pie uiuendo pugnamus, “spiritalia nequitiae in caelestibus” nominat. quod ne de illis superioribus caelis intellegatur, aperte alibi dicit: secundum principem potestatis aeris huius, qui nunc operatur in filiis diffidentiae.

⁸¹ Job 1-2.

⁸² Mt. 26, 31-35; 69-75.

⁸³ 2 Cor. 12, 7.

⁸⁴ Mt. 27, 5.

⁸⁵ Mt. 25, 41.

⁸⁶ Essa era uma das afirmações centrais da religião maniqueísta. Este § limita-se a refutar aquela afirmação com textos da Escritura os quais, presumivelmente, serviam aos maniqueístas em ilustração do reino das Trevas e seus habitantes. Está ainda em causa, como é óbvio, o problema da mutabilidade radical da criatura — já que os anjos, criaturas espirituais, vivem a atracção do deleite divino numa tendência que os pode fazer aproximar de Deus ou rivalizar com o Criador. Note-se que muitos dos fascinantes problemas filosóficos imbuídos pela angelologia ou demonologia — ultrapassando, notavelmente, a teologia mais positiva ou abstracta — derivam directamente das imensas cascatas de intermediários com que os neoplatónicos se compraziam em colmatar a distância que separa a transcendência do Uno do múltiplo corpóreo (vd. *De Civ. Dei* XII, 1-9).

⁸⁷ 2 Ped. 2, 4.

Na verdade, não é injusto que, recebendo os improbos o poder de fazer o mal, seja assim provada a paciência dos bons e castigada a iniquidade dos maus. Por isso, Job, pelo poder dado ao diabo, foi posto à prova para que aparecesse justo⁸¹, e Pedro foi tentado para que se não sobrestimasse⁸², e Paulo foi esbofeteado para que não se orgulhasse⁸³, e Judas foi condenado a enforcar-se⁸⁴.

Como portanto pelo poder dado ao diabo Deus fez tudo com justiça, não é por estas coisas feitas com justiça, mas pela vontade iníqua que o demónio tem de fazer o mal, que, no fim, ele será lançado ao suplício, quando se disser aos ímpios que teimaram em consentir na sua iniquidade: «Ide para o fogo eterno, que meu Pai preparou para o diabo e seus anjos»⁸⁵.

33 [O pecado voluntário dos anjos e a respectiva pena]

Porque, na verdade, os próprios anjos maus não foram criados maus por Deus⁸⁶, mas tornaram-se maus pelo pecado, como diz Pedro na sua *Carta*: «Com efeito, se Deus não poupou os anjos pecadores, mas os precipitou nos escuros cárceres do inferno, aí os guardou, para serem punidos no dia do juízo final, sobre o qual diz o Senhor: «Ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos»⁸⁷. Posto que receberam como pena este inferno, isto é, o espaço das escuridões inferiores, onde eles estão como que aprisionados num cárcere — espaço a que, todavia, também se chama céu, não aquele aonde estão os astros mas mais abaixo, em cuja escuridão as nuvens se aglomeram e as aves voam, chamando-se por isso céu das nuvens e das aves aladas⁸⁸ —, o Apóstolo Paulo chama a esses anjos iníquos, que nos são hostis e contra quem lutamos vivendo com piedade, «espíritos malignos dos céus»⁸⁹. Em outro passo, claramente se diz que isto se não deve entender a propósito dos céus superiores: «Segundo o príncipe da potestade deste ar que agora age nos filhos da infidelidade»⁹⁰.

⁸⁸ Mt. 25, 41.

⁸⁹ Ef. 6, 12; *Epistulae* C11, 20 (PL 33, 378).

⁹⁰ Trata-se da atmosfera entre a Terra e a Lua, espaço que a filosofia de cariz neoplatónico pensava ser a residência dos demónios. Autorizando esta tradição, Agostinho lega à medievalidade e à modernidade estes motivos que conciliam religião popular e especulação filosófica.